_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. Ática, São Paulo, 2000.

COLL, C. Psicologia e currículo: uma aproximação psicopedagógica a elaboração do currículo escolar. São Paulo: Ática, 1998.

FUSARI, M. F. de R.; FERRAZ, M. H. C. de T. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Metodologia do Ensino de Arte: Fundamentos e proposições. São Paulo: Cortez, 2009.

GASPARIN, J. L. Uma didática para a Pedagogia Histórico-crítica. 4.ed. rev. Campinas – SP: Autores Associados, 2007. (Coleção educação contemporânea).

GOMBRICH, E. H. A História da Arte. 16 Ed. Editora: LTC – Português. 2000.

LIBÂNEO, J. C. Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 21 ed. São Paulo: Loyola, 2006.

OLIVEIRA, E. D. de. A avaliação no ensino da arte. In: PILLOTTO; S. S. Duarte; SCHRAMM, M. L. K. Reflexões sobre o ensino das artes. Joinville: Ed. Univille, 2001. p. 130-139.

READ, H. A Educação Pela Arte. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

ROUANET, S. P. O novo irracionalismo brasileiro. In: As Razões do Iluminismo, 1987. São Paulo: Companhia das Letras, P.124-146.

VASCONCELLOS, C. dos S. Avaliação da Aprendizagem: Práticas de Mudança - por uma práxis transformadora. São Paulo: Libertad, 1993.

A EDUCAÇÃO INDIGENA COMO ELEMENTO ARTICULADOR DA VALORIZAÇÃO CULTURAL

MARIA DO CARMO SILVA DE JESUS

Resumo:

Embora discutir sobre os indígenas nos meios educacionais não representem nenhuma novidade, o nível de criticidade sobre os conteúdos abordados tem sido pauta em evidência, pois é preciso formar profissionais que sejam capazes de trabalhar na perspectiva do multiculturalismo e valorização frente a diversidade, sem reforçar estereótipos que diminuem os indígenas perante toda a sociedade. Diante desse contexto, o estudo teve como objetivo discutir a educação indígena como elemento articulador da diversidade cultural. E a partir de uma pesquisa bibliográfica, foi possível observar que é possível desenvolver um trabalho muito amplo que enalteça as raízes do país e valorizem os indígenas diante da sociedade, a partir das suas contribuições com a língua portuguesa, manifestações culturais, artesanatos, músicas, alimentação, espiritualidade, natureza, descoberta do país, entre outros, que vão muito além de uma data típica para ser trabalhada em sala e, principalmente, de explanação dos indivíduos de maneira incompatível. Concluiu-se que é preciso enaltecer a aparição destes nos mais diversos meios e possibi-

litar uma construção muito mais ampla e real, sendo necessário formar não somente o aluno como também o professor para este trabalho.

Palavras-chave: Educação Indígena. Multiculturalismo. Pluralidade Cultural.

1 INTRODUÇÃO

Não é incomum ao citar a educação indígena rapidamente vir a mente os trabalhos escolares contemplando o dia do índio, com pinturas no rosto, comidinhas típicas e reconstrução de suas moradias. E muito embora tais manifestações possam ser louváveis, é preciso existir um estudo mais amplo a fim de não reforçar a estereotipagem do público, deixando de lado aspectos que realmente contemplam a forte base e influência para a formação do país.

Compreende-se que o conhecimento é a base de tudo, e trabalhar as raízes de cada cultura visando respeito as diferenças, fará com que cada indivíduo adote uma postura mais humana e harmoniosa com tudo que o cerca. Assim, as questões que norteiam a pesquisa consistem em compreender: ”como o professor pode trabalhar com a valorização da cultura indígena?; ”Como o multiculturalismo e valorização da identidade e cultura indígena podem beneficiar na formação do indivíduo? ”.

Essa abordagem engloba trabalhar de maneira que o convívio democrático seja valorizado, assim como o respeito mútuo e a paz; mostrando a contribuição histórica dos diferentes povos, e principalmente, repudiando atos preconceituosos, intolerantes dotados de discursos de ódio. A educação deve orientar para o desenvolvimento pleno do ser humano, fortalecendo o respeito pelos direitos do próximo, pois como já diz o ditado ” todas as flores, de todas as manhãs, estão nas sementes de hoje”.

Diante da problemática observada, parte-se da premissa que discutir tal temática possibilitará a reflexão de como a diversidade tem sido e deve ser abordada no universo escolar. Discutir a heterogeneidade e a pluralidade cultural, a ética, no espaço escolar, sobretudo, a noção de que os profissionais do ensino e alunos possuem do que é cultura, resultará em indivíduos com uma mentalidade mais aberta à diversidade de pessoas e ideias. O preconceito advém da falta de conhecimento, e o discurso de ódio, da ignorância. Inserir essas questões no contexto escolar, atentando-se principalmente na maneira como o professor trabalhar e respeita a heterogeneidade, possibilitará construir uma sociedade mais harmoniosa e capaz de conviver com as multifaces.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo discutir a educação indígena como elemento articulador da diversidade cultural. Para isso, será desenvolvido um estudo de cunho bibliográfico, contemplando livros e artigos científicos no campo da Educação Indígena, da pluralidade cultural e multiculturalismo.

2 DESENVOLVIMENTO

Falar sobre educação indígena é, sobretudo, falar sobre resistência, pois essa parcela da população representa o Brasil em sua base e magnitude, sendo sinônimo de cultura, história e trajetória. No

entanto, falar sobre os indígenas, envolve, desenvolver alguns questionamentos acerca dos próprios materiais de história e muitas vezes do que é aprendido na escola, como por exemplo, quando se fala sobre descoberta do país, quando se enaltece a chegada dos europeus e do crescimento do país advindo dos indivíduos que se apropriaram das terras brasileiras, até porque é preciso refletir acerca do tipo de crescimento que, muitas vezes, foi pautado em exploração e até qual ponto tal desenvolvimento se apresenta de maneira sustentável para o país.

É certo de que este tipo de reflexão e abordagem pode gerar divergências, incômodos e manifestações diversas, no entanto, falar sobre educação significa também falar sobre desconstrução, pensamentos, argumentos e trocas, uma vez que não se trata de um produto pronto e sim uma construção diária. Muito embora a ideia não seja necessariamente colocar aqueles que chegaram como grandes vilões, pois o país é resultado de todo o seu percurso histórico, o olhar para a trajetória auxilia justamente na perspectiva do aprendizado, sobre o que pode seguir se manifestando e sendo enaltecido e o que não necessariamente merece menções tão exacerbadas (BORGES, 2010).

Outro ponto a ser ressaltado é que comumente o brasileiro adota a chamada "síndrome do vira lata" que é popularmente explícita como a alta capacidade de valorização daquilo que vem de fora, e o olhar depreciativo para a própria cultura, e isso muitas vezes é manifestado dentro da própria escola, que tende a ter maior aceitação diante do reconhecido "dia das bruxas" e não o "dia do índio".

Ainda que seja totalmente comum a assimilação de outras culturas, considerando a alta miscigenação do país, como também a forte influência que outros países exercem em todo o mundo, é preciso construir uma base para que os indivíduos desde cedo aprendam a olhar para a própria cultura e manifestações locais, pois isso está diretamente ligado ao senso de pertencimento, ao reconhecimento do grupo, ao desenvolvimento da autoestima e o olhar sensível para a sua pátria, desenvolvendo um conceito de cidadania capaz de gerar indivíduos que se conectem com suas raízes e promovam melhorias em seus espaços (VIDAL, 1997).

Vale ressaltar que a cultura se define como as mais variadas manifestações humanas, nos gestos mais simples como comer de modo diferente, se relacionar, e não somente por manifestação artística e intelectual. Já a pluralidade cultural, engloba o conhecimento e valorização das características étnicas e culturais dos mais diversos grupos sociais, assim como as suas relações e transformações necessárias. Esta, por sua vez, deve ser trabalhada de maneira efetiva no ambiente escolar (CANDAU, 2002).

A promoção deste conhecimento está prevista na Lei de Diretrizes e bases da Educação 9394/96, onde consta em seu 3° Art. princípios embasadores do ensino no inciso IV " respeito à liberdade e apreço a tolerância". Além disso, a constituição de 1998 também aborda princípios fundamentais, tais como no Art. 3º, inciso IV, "promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. " (BRASIL, 1996, p. 15).

Cabe também ressaltar os parâmetros curriculares nacionais e, principalmente, a proposta de abordagem dos temas transversais, que de acordo com Medel (2008), são áreas de conhecimento denominadas como segundo grupo de abordagem, envolvendo trabalhos com ética, educação ambiental, orientação sexual, saúde e pluralidade cultural. Sendo assim, incluem temas de caráter social, enquanto o primeiro grupo de abordagem trabalha as disciplinas como português, matemática, entre outras. Há também documentos importantes como a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), a Declaração de Direitos Humanos da ONU e a Declaração das Nações Unidas sobre os povos indígenas.

No decorrer dos séculos, começou a se pensar que cultura remeteria ao conjunto de tudo aquilo que uma sociedade produz, embora numa concepção única e universal, numa espécie de monocultura. E se um grupo ou individuo não acompanhasse e nem dominasse aquela cultura predominante, destacavam aquele individuo ou grupo como "sem cultura" (BORGES, 2010).

No século XVIII, surge o modelo de cultura Inglesa, que associava cultura à civilização, porque estaria ligada à prática do processo intelectual, espiritual e material. Semelhante ao significado de civilização como costume e moral, implicando-se uma analogia de uma conduta correta e comportamento ético.

Moldando os sujeitos humanos às necessidades de um novo tipo de sociedade politicamente organizada, remodelando-os com base nos agentes dóceis, moderados, de elevados princípios, pacíficos, conciliadores e desinteressados dessa ordem política. (EAGLETON, 2005, p.19)

Esta percepção de cultura foi se modificando ao longo dos séculos, pois à medida que a sociedade evolui, o conceito se transforma. Na atualidade o termo remete a um complexo que envolve crenças, arte, moral, leis, costumes e toda a produção material de um povo. Obviamente, não há mais uma ideia única e soberana de cultura, pois entende-se que cada grupo e sociedade produzem sua própria cultura, a partir de sua vida material, valores, concepções distintas de mundo, por isso não se pode afirmar que haja cultura superior ou inferior, o que há é cultura (VIDAL, 1997).

No Brasil colonial, o modelo de cultura que predominava era a dos europeus, como sabemos, considera superior às demais existente no país. Evidenciando assim a desvalorização da cultura negra e indígena, que simplesmente por serem diferentes seriam inferiores à cultura branca europeia. Numa concepção equivocada de etnocentrismo, contudo, tal concepção não foi capaz de impedir o surgimento de um país multicultural (COHN, 2000).

(...) A multiculturalidade não se constitui na justaposição de culturas, muito menos no poder exacerbado de uma sobre as outras, mas na liberdade conquistada, no direito assegurado de mover-se cada cultura no respeito uma da outra, correndo risco livremente de ser diferente, sem medo de ser diferente, de ser cada um "para si", somente como se faz possível crescerem juntas e não na experiência da tensão permanente, provocada pelotodo-poderosismo de uma sobre as demais, proibidas de ser (FREIRE, apud

FREITAS, 1992, p. 156).

A cultura desenvolve no individuo um papel importante, que constrói conceitos, referências, práticas e relações entre os seres, por mediação da socialização, que permite ao indivíduo absorver referências culturais. A primeira socialização que o ser humano desenvolve pode ser caracterizada como primária, que é estabelecida durante a infância, na qual o indivíduo imita as atitudes, comportamentos, valores e normas da sua própria cultura.

Na socialização primária ocorre o contato da criança com outros

significativos (sistema de valores), no qual desperta uma ligação emocional, ligação esta que faz com que o indivíduo interiorize, sendo que esse processo leva a criança a identificar a si mesma, tornando-a capaz de adquirir sua própria identidade. (DE AQUINO,2013, p.3)

Por muito tempo, no contexto escolar, foi passada a ideia do Brasil homogêneo, sem diferenças, promovendo uma suposta democracia - o que dificulta ainda mais na assimilação e consciência a respeito das diferenças, tornando o assunto " intocável". Contudo, cabe ressaltar que a escola tem papel fundamental de explorar as capacidades mentais do aluno, buscando superar preconceitos, desconstruindo práticas discriminatórias tão enraizadas (HALL, 1997).

Em muitos casos, no próprio ambiente escolar – que teoricamente deveria ser marcado pelo conhecimento e respeito ao próximo, é visto constantemente discriminação dos mais variados tipos, inclusive étnica, e muitas vezes tais atitudes provém dos próprios educadores, contribuindo na disseminação do preconceito e ignorância em um ambiente que deveria ser marcado pela construção intelectual.

Com isso, se faz necessário buscar propostas de atividades que promovam a atenção de novas mentalidades, trabalhando a questão dos Direitos Humanos, abordando temáticas da diferença de gênero, região, questão racial, sexualidade, entre outros. Tais propostas devem valorizar a cidadania, democracia, princípios éticos de liberdade, justiça, solidariedade, equidade, além de explanar aspectos "históricos, sociológicos, antropológicos e geográficos para mostrar os porquês das diferenças para os alunos, mostrando a raiz da questão e facilitando a assimilação e a consciência" (CANDAU, 2002, p. 17).

Além disso, deve-se inserir práticas de ensino da pluralidade cultural englobando o respeito às diferenças, e fornecendo conhecimento sobre as origens dos brasileiros e de grupos culturais específicos. Assim, além do respeito, proporciona também a compreensão, autoestima e autodefesa para aqueles que estão mais vulneráveis (HALL, 1997).

A escola representa, em uma parcela menor, a heterogeneidade de nossa sociedade. Esta, aqui no Brasil, é fruto de uma grande miscigenação, que paradoxalmente não é capaz de lidar de maneira adequada com toda esta diversidade presente. É possível observar que o padrão mais aceito é o que se assemelha ao padrão europeu, do homem " branco, heterossexual e bem-sucedido" – e o que difere disso, geralmente sobre um processo de negação, sendo observada nas mais diversas situações cotidianas, como por exemplo com, por meio de situações dis-

criminatórias, preconceituosas e racistas com mulheres, índios, afrodescendentes, homossexuais e nordestinos (CORTELLA, 2000 apud MEDEL, 2008).

Estes, por sua vez, são mais vulneráveis e fogem dos padrões considerados adequados e belos, erroneamente estabelecidos. Sendo assim, se faz necessária a promoção da heterogeneidade e diversidade cultural no contexto escolar, e é fundamental que os professores façam na prática, a mediação deste processo, pois, muitos professores podem estar contaminados com um discurso de ódio e preconceito (HALL, 1997).

Contudo, de acordo com Medel (2008), o conhecimento é a base de tudo, e trabalhar as raízes de cada cultura com ética e visando respeito as diferenças, fará com que cada indivíduo adote uma postura mais humana e harmoniosa com tudo que o cerca.

Para Sheriff (2002, p. 11), " as diferenças são os que nos tornam próximos, a extrema semelhança não atrai a curiosidade para o desconhecido, se tudo é monótono e igual simplesmente tudo perde a graça e o sentido, pense a respeito".

Percebe-se, nesta perspectiva, que não é interessante trabalhar na defesa de que "somos todos iguais", porque a criança ainda muito pequena consegue se comparar com o coleguinha e notar diferenças na cor da pele, cabelo, olhos, modo de vida, entre outros. Então é uma proposta que faz com que a criança acredite em algo que ela sabe que não é verdade, e justamente por isso, é muito difícil que ela desenvolva um olhar sensível para o próximo (COHN, 2000).

Acredita-se que é preciso educar para as diferenças, ou seja, as crianças precisam aprender sobre o respeito e amor sobre o próximo, considerando suas características peculiares, sejam elas étnicas, culturais ou religiosas. E neste processo, o professor tem papel fundamental.

É preciso mostrar que cada indivíduo é único e precisa ser valorizado e respeitado por suas peculiaridades, para que desde a Educação Infantil seja construído uma sociedade que valoriza o diferente e respeita os mais diversos perfis, favorecendo a aprendizagem e o desenvolvimento humano.

Aponta-se que a criança em sua natureza não é preconceituosa, então isso faz parte de uma construção social, onde ela acaba adquirindo os costumes e falas de seus familiares. Então por isso que observamos crianças pequenas, muito espertas, falando coisas absurdas para sua faixa etária, mas que com certeza ouvem em suas casas.

Embora o foco seja falar como o professor pode trabalhar para favorecer a construção de uma sociedade melhor desde a fase da Educação Infantil, não se pode deixar de citar a necessidade de a família estar em parceria com a escola no processo educativo. Assim, é muito interessante quando as instituições conseguem aproximar os pais das propostas realizadas, para que eles também aprendam e mudem suas visões sobre o mundo, já que muitos deles reproduzem discursos de ódio sem ao menos refletirem sobre o que estão fazendo (VIDAL, 1997).

Já em sala de aula, já é possível indicar ações simples, mas muito interes-

santes que trabalham o respeito e valorização das diferenças. A primeira delas é sobre a forma como nos expressamos em sala. É muito comum que tenhamos pudor para falar que o aluno é negro, é índio, tem a pele escura, entre outros, no entanto, quando falamos com naturalidade, as crianças entenderão que não existe problema algum em ter determinada característica. Assim como o aluno deficiente, não precisa ser reconhecido como "portador de deficiência" e sim como uma pessoa que vai muito além do que a sua limitação.

Dessa forma, é bacana enaltecer os indivíduos, valorizar suas características e trabalhar com a representatividade, ou seja, personagens alinhados a sua cultura, meio social e características, para que os alunos se reconheçam, se sintam representados e compreendam essa parcela da população como parte importante da história do Brasil.

Vale ressaltar que a ONU estabeleceu uma data como o Dia Mundial dos povos indígenas, sendo o dia 09 de Agosto, no entanto, não se deve usar de um único dia para trabalhar a temática, tampouco reforçar os velhos estereótipos já conhecidos, como por exemplo, as pinturas no rosto, as casas no formato de ocas, as danças, entre outros, comum no dia do Índio, em 19 de Abril, pois muito embora devam sim ser demonstradas como parte da cultura, não podem ser o único ponto, pois levam a ideia de um povo muito distante e uma cultura muito diferente do que se vive na contemporaneidade. Além disso, muitas vezes existem materiais e manifestações que colocam os índios com postura semelhantes aos animais irracionais, agindo puramente por instinto, com rebeldia e falta de educação, o que enaltece o olhar europeu sobre este público (COHN, 2000).

Assim, ainda que as atividades que retratem o que se entende por povo indígena em uma primeira associação possam ser desenvolvidas, não se deve parar na ideia dos índios vivendo em aldeia, pois estes já ocuparam e ainda devem ocupar lugares inimagináveis.

O primeiro ponto de muito interesse a ser trabalhado é a conexão com a natureza, por exemplo, sendo que muitos conhecimentos do povo indígena são aproveitados por meio da Etnobotânica, que nada mais é do que uma área da ciência que busca informações do sendo comum para investigar e buscar cunho científico. Como exemplo, muitos indígenas que utilizam determinada planta para ação anti-inflamatória por puro instinto, ganharam respaldo científico com estudos que foram desenvolvidos a partir de suas hipóteses iniciais (MEDEL, 2008).

Outro ponto muito interessante é a conexão com as raízes e espiritualidade, o que tem sido cada vez mais discutido na contemporaneidade, sobretudo, para o público que vive na cidade, na literal "selva de pedras", fortemente desconectado do ambiente natural e de suas raízes, sendo interessante conhecer suas manifestações e práticas (FREITAS, 2011).

Pontos como artesanato, por exemplo, que são fonte não somente de renda, como também de manifestação cultural, são pontos que merecem ser enaltecidos, não somente a título de conhecer a cultura local, como também de estimular

a produção artística. A ligação com a sustentabilidade, que é um ponto que precisa ser cada vez mais explorado é uma marca forte deste público, assim pesquisar como vivem de modo sustentável e o que pode ser replicado pode render muitas aulas de educação ambiental, por exemplo (FREITAS, 2011).

E por fim, mas não menos importante, conhecer indígenas que já são marca registrada no universo digital, como por exemplo, evidenciando artistas e YouTubers, conhecer ONGs que debatem as temáticas em defesa deste público, os parlamentares e seus projetos, entre outros.

A forte influência também na construção da língua portuguesa, já que muitas palavras advêm do tupi guarani e da cultura, como por exemplo, abacaxi, amendoim, pipoca, entre outros, que evidenciam que é possível ir muito além da imagem estereotipada e mostrar a forte contribuição e, consequentemente, enaltecimento e valorização da verdadeira base do país (COHN, 2000).

É um processo contínuo e construído por pequenas ações, mas que certamente contribuem para a criação de um ambiente mais harmônico, acolhedor e capaz de enxergar a beleza de ser exatamente aquilo que se é, pois, acredita-se que as crianças conscientes de hoje serão os adultos que farão grandes transformações na sociedade no amanhã.

3. CONCLUSÃO

Concluiu-se que ainda que seja comum clamar por uma escola que preze pela igualdade, percebe-se que trabalhar efetivamente com diferentes etnias, culturas e manifestações, é mostrar a beleza existente na diversidade, que deve ser sempre valorizada e, acima de tudo, respeitada, sem reforçar estereótipos mesmo que seja inocentemente e carinhosamente como acontece em muitas atividades da primeira infância, mas permitir ir além e estudar as reais contribuições e bases. Considerando que a fase da escolarização é marcada não só pela construção de saberes, como também de valores e personalidade, é viável trabalhar com o multiculturalismo desde cedo, para que a criança compreenda o modelo da sociedade com naturalidade. No entanto, sabe-se que a problemática é muito maior, visto que é comum professores com ideais preconceituosos, e materiais didáticos que fazem recortes desfavoráveis.

Neste sentido, acredita-se que a escola deva rever as suas práticas e trabalhar com materiais didáticos que mostrem o respeito a diversidade e valorizem a diferença, com histórias, filmes, músicas, brinquedos, brincadeiras e práticas que dialoguem com a construção de um olhar mais empático e diverso para a nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BORGES, Elizabeth Maria de Fátima. A inclusão da história e da cultura afrobrasileira e indígena nos currículos da educação básica. Vassouras. v. 12.

n. 1. p.71-84. 2010. Disponível em:

https://www2.olimpiadadehistoria.com.br/vw/1IN8l5YjrMDY_MDA_606d5_/05A_Inclu saodahistoriacultu-